



RELAÇÕES EXTERIORES

Oposição usa asilo para, de novo, desgastar governo

Depois do PL da anistia, Palácio está sob pressão com pedidos de esclarecimento sobre acolhimento à ex-primeira-dama peruana

» MAIARA MARINHO

Carlos Fabal/AFPTV/AFP



Nadine (com colar cervical) em flagrante da tevê peruana, quando seguia rumo ao aeroporto para embarcar no jato da FAB que a trouxe como asilada

A oposição se mobiliza para tentar impor mais um desgaste ao governo Lula no Congresso, ao convocar o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, para prestar explicações sobre o asilo diplomático concedido a Nadine Heredia, ex-primeira-dama do Peru. Os parlamentares também solicitaram auditoria do Tribunal de Contas da União (TCU) para investigar possíveis irregularidades no uso do avião da Força Aérea Brasileira (FAB) — que trouxe Nadine ao Brasil.

Somente na quarta-feira, foram registrados seis requerimentos na Câmara dos Deputados. Os pedidos vêm no momento em que o Palácio do Planalto tenta impedir o avanço do projeto de lei que anistia os condenados pela tentativa de golpe de Estado e pelas depredações das sedes dos Três Poderes em 8 de janeiro de 2023. Da parte do governo, há até a disposição de negociar as penas impostas pelo Supremo Tribunal Federal (STF) a fim de impedir que avance o PL — que tem as assinaturas necessárias para tramitar em regime de urgência.

Os opositoristas acusam o governo de “indevido favorecimento político-ideológico” a Nadine e “desvio de finalidade” do direito ao asilo — concedido na terça-feira, sendo que, na quarta-feira, ela chegou ao Brasil. Ela e o marido, o ex-presidente peruano Ollanta Humala, foram condenados por lavagem de dinheiro envolvendo a Odebrecht (atualmente Novonor) no âmbito da Operação Lava-Jato.

“O asilo de uma condenada por corrupção, em um caso diretamente ligado ao Brasil, é um tapa na cara da sociedade que luta contra a impunidade. E, ao mesmo tempo, é uma prova de que para este governo o perdão, a



O asilo de uma condenada por corrupção, em um caso diretamente ligado ao Brasil, é um tapa na cara da sociedade que luta contra a impunidade”

Deputada Adriana Ventura (SP), líder do Novo na Câmara

anistia, só vale para aqueles que atacam a democracia da maneira mais sórdida: tirando do povo o que deveria ser do povo”, disse a deputada federal Adriana Ventura (SP), líder do Novo, ao **Correio**.

Entre os parlamentares que apresentaram requerimento questionando o asilo, está o deputado Filipe Barros (PL-PR) — investigado no inquérito das Fake News, que apura a produção de desinformação e ameaças contra ministros do STF — e os deputados Evair Vieira de Melo (PP-ES) e Marcel van Hattem (Novo-RS).

Em postagem no X (antigo Twitter), o senador Sérgio Moro (União-PR) — ex-juiz da Lava-Jato — disse que “Nadine Heredia, a primeira-dama

corrupta da Odebrecht, é o novo Cesare Battisti, o assassino asilado pelo PT. Lula tem uma queda por bandidos e prejudica a imagem do Brasil”.

Direito

Na análise de João Amorim, professor de direito internacional da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), o asilo a Nadine está nos termos da Convenção sobre Asilo Diplomático, sobretudo no contexto da ação penal. “O processo movido contra ela foi baseado em acusações, delações e depoimentos extraídos de processos da Operação Lava-Jato, anulados pelo Judiciário brasileiro por incompetência do juízo e

uma série de outras ilegalidades”, explicou ao **Correio**.

Já Regiane Bressan, professora de Relações Internacionais da Escola Paulista de Política, Economia e Negócios da Unifesp, avalia que o caso de Nadine “não parece nem se enquadrar na questão de refúgio, nem na questão de asilo político”. Conforme explicou, a Convenção de Asilo Diplomático, de 1954, estabelece que a concessão é para pessoas perseguidas por motivos políticos ou delitos conexos. “Ou seja, desde que a perseguição não derive de crimes comuns nem de decisões tribunais ordinárias regulares”, salientou.

Para Regiane, o caso de Nadine se enquadra em crime comum. “A jurisprudência

Entenda o caso

O Brasil concedeu asilo político para Nadine Heredia, ex-primeira-dama do Peru, na terça-feira, data em que ela e o marido, o ex-presidente Ollanta Humala, deveriam comparecer a uma audiência que os condenou a 15 anos de prisão por lavagem de dinheiro. O ex-chefe do governo peruano compareceu ao tribunal e foi detido. Ele está preso na prisão de Barbadillo, onde já estão os ex-presidentes Alejandro Toledo e Pedro Castillo, e onde também esteve detido Alberto Fujimori. O complexo penitenciário fica no distrito de Ate, próximo da capital, Lima. Nadine, por sua vez, solicitou ao Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) o status de refugiada e o processo já foi iniciado para que assim seja reconhecida, conforme informou a pasta. A solicitação é uma forma de regularizar a estadia no Brasil.

interamericana tem sido muito cautelosa em conceder asilo quando há indícios concretos de que o processo judicial se refere a delitos penais e não exclusivamente à perseguição por ideias políticas”, esclareceu ao **Correio**.

Segundo o ministro das Relações Exteriores do Peru, Elmer Schialer, a permissão para Nadine deixar o país acompanhada do filho mais novo “foi para cumprir com as obrigações do Peru, o que não significa ter subtraído a senhora Nadine Heredia da Justiça peruana”. O diplomata lembrou que o Peru é signatário da Convenção sobre Asilo Diplomático, firmada em Caracas, em 28 de março de 1954. No entanto, não descartou a possibilidade de um pedido de extradição ao Brasil.

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

Fábula sobre a prudência e os riscos que rondam o governo

Esopo nasceu provavelmente na Frígia (atual Turquia) entre o final do século VII a.C. e o início do século VI a.C. Pouco se sabe sobre sua vida, exceto que era um escravo que recorria às fábulas para traduzir sua sabedoria, muitas vezes com ironia, sem se expor em demasia aos senhores.

Sua obra chegou aos nossos dias porque foi exaltada pelos grandes filósofos gregos, entre os quais Heródoto, Platão e Aristóteles. Geralmente, Esopo recorria às características dos animais para traçar um paralelo com os bons e maus comportamentos humanos.

Os romanos Fedro (século I d.C.) e Bábrio (século II d.C.) traduziram Esopo para o latim, a partir do qual as narrativas foram retraduzidas e chegaram aos nossos dias. Ainda hoje suas fábulas são usadas na educação das crianças. A primeira edição impressa das *Fábulas* é de 1484, ou seja, quase 30 anos após a impressão da Bíblia de Gutemberg, de 1455.

Esta edição contava com 97 fábulas. Entretanto, os pesquisadores atribuem a Esopo a autoria de cerca de 584 fábulas. George Orwell utilizou a linguagem esópica no seu livro mais famoso,

A Revolução dos Bichos (Animal Farm), de 1945, que ainda hoje serve de roteiro para peças teatrais infantis.

A história se passa numa granja de animais, que discutem e almejam a construção de uma sociedade ideal. Para isso, eles criam um conjunto de regras e começam a pensar numa revolta contra os humanos, sobretudo, seu dono, Sr. Jones, que os explora e os deixa passarem fome. O Major Porco apresenta a ideia de fazer uma revolução e os animais expulsam Jones da granja.

Os porcos são os animais mais inteligentes da granja, foram mais instruídos e sabem ler e escrever. Enquanto o porco Bola-de-neve, um dos líderes da revolução, quer realizar a construção de um moinho, o porco Napoleão é contra a ideia. Rebelde, Bola-de-neve é considerado traidor e acaba expulso da granja. Napoleão acaba por convencer todos os outros animais a se rebelarem contra Major, o líder. Sempre escoltado por cães raivosos, Napoleão sobe ao poder. Seu egoísmo e totalitarismo ditarão a maneira como conduzirá a granja depois de destituir e expulsar seus desafetos.

A Revolução dos Bichos virou um

best-seller internacional, porque Orwell fez uma dura crítica ao totalitarismo ao final da Segunda Guerra Mundial. Não era apenas uma crítica ao nazifascismo, que havia sido derrotado pelas forças aliadas, mas, também, uma analogia com a antiga União Soviética. Por isso mesmo, o livro fez mais sucesso entre os liberais.

Hoje, porém, “*A Revolução dos Bichos*” tem tudo a ver com o novo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que promove um duro ataque à ordem liberal norte-americana e à economia global. Nem a prestigiada Universidade de Harvard está a salvo do seu autoritarismo.

O formigueiro

Trump nos remete à conhecida fábula de Esopo intitulada *A cigarra e as formigas*. A história é a seguinte: no inverno, as formigas estavam fazendo secar o grão molhado, quando uma cigarra, faminta, lhes pediu algo para comer. As formigas lhe disseram: “Por que, no verão, não reservaste também o teu alimento?”. A cigarra respondeu: “Não

tinha tempo, pois cantava melodiosamente”. Então, as formigas, rindo, disseram: “Pois bem, se cantavas no verão, dança agora no inverno”. A moral da história é que, nos tempos de fartura, devemos nos preparar para o futuro.

Há um amplo consenso entre os economistas de que o futuro se tornou mais incerto e perigoso com Trump no poder. À frente da maior potência econômica e militar do planeta, o presidente norte-americano está redefinindo as relações internacionais ao atropelar toda a institucionalidade construída no pós-guerra, à qual se deve o êxito da globalização. É uma distopia em relação à América e uma disruptiva abordagem geopolítica, mundialmente falando.

A forma como Trump confronta o mundo com sua política protecionista, especialmente a China, cria um ambiente de insegurança e incertezas. Entretanto, como os EUA não podem tudo no mundo, nem Trump internamente, é possível que essa conjuntura terrível seja ultrapassada. Até lá, o melhor a fazer é agir como as formigas.

O governo Lula, porém, está agindo como a cigarra de Esopo, diante de um

cenário confuso. O Brasil foi contemplado com as menores taxas do tarifação de Trump e viu as portas da ampliação do comércio bilateral se abrirem no Japão, na União Europeia e, sobretudo, na China, entre outros países, o que é uma oportunidade em meio à crise mundial.

O problema é que o Projeto de Diretrizes Orçamentárias para 2026 sinaliza frouxidão com as contas públicas e alimenta análises pessimistas em relação à inflação e ao equilíbrio fiscal após as eleições. Alguns projetam um cenário de colapso para 2027, porque o governo não sabe explicar como pretende obter R\$ 118 bilhões em receitas extras para fechar as contas públicas no próximo ano.

Com uma meta de superávit de 0,25% do Produto Interno Bruto (PIB) — ou seja, com saldo positivo de R\$ 34,3 bilhões —, o Orçamento para as chamadas despesas discricionárias parece feito pelas formigas. Projeta R\$ 208,3 bilhões, em 2026; R\$ 122,2 bilhões, em 2027; R\$ 59,5 bilhões, em 2028; e R\$ 8,9 bilhões, em 2029, dessas despesas, sendo que deputados e senadores é que decidirão o destino de aproximadamente 25% dessas despesas livres do Orçamento.